



**Bibliotheca Infantil Quaresma e Biblioteca de Nanquinote:  
coleções endereçadas às crianças brasileiras em perspectiva histórica**

Bibliotheca Infantil Quaresma and Biblioteca de Nanquinote:  
collections addressed to brazilian children in historical perspective

Bibliotheca Infantil Quaresma y Biblioteca de Nanquinote:  
colecciones dirigidas a los niños brasileños en una perspectiva histórica

Michele Ribeiro de Carvalho  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)  
<https://orcid.org/0000-0003-4880-8773>  
<http://lattes.cnpq.br/0282136354321194>  
[mmichelerj@gmail.com](mailto:mmichelerj@gmail.com)

Márcia Cabral da Silva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)  
<https://orcid.org/0000-0002-8748-5893>  
<http://lattes.cnpq.br/3141195844022565>  
[marciacs.uerj@gmail.com](mailto:marciacs.uerj@gmail.com)

## Resumo

Neste estudo, examinam-se elementos relativos à composição da Bibliotheca Infantil Quaresma (1894-1897) e da Biblioteca de Nanquinote (1936-1947), coleções destinadas às crianças brasileiras. O objetivo principal consiste em se compreender como esse extrato de público mobilizou investimentos por parte das editoras Quaresma & C – Livreiros editores (Rio de Janeiro) e Editora do Globo (Rio Grande do Sul), de modo a produzirem coleções destinadas à educação desse público leitor em uma perspectiva ampla. A pesquisa documental foi realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, privilegiando-se os periódicos *O Paiz* (Rio de Janeiro), *A Razão* (Ceará) e *A Federação* (Rio Grande do Sul). A operação historiográfica que possibilitou a identificação de elementos materiais e de conteúdo registradas pelos editores nas páginas dos jornais diários baseou-se, sobretudo, no estabelecimento das fontes ou na redistribuição do espaço, conforme Certeau (2002). Observaram-se discursos que ora recomendavam os livros como objetos escolares e culturais de corte edificante; ora prescrevia-os em face de suas características ficcionais e de entretenimento.

**Palavras-chave:** Bibliotheca Infantil Quaresma. Biblioteca de Nanquinote. Coleções.

## Abstract

In this study, we examine elements related to the creation of Quaresma Children's Library (1894-1897) and Nanquinote Library (1936-1947), collections aimed at Brazilian children. The main objective is to understand how this segment of public mobilized investments by Quaresma & C – Book shop and Publishing House (Rio de Janeiro) and O Globo Publishing House (Rio Grande do Sul), in order to produce collections aimed at the education of this reading public in a broad perspective. The documentary research was carried out at Brazilian Digital Newspaper Library, focusing on the periodicals *O Paiz* (Rio de Janeiro), *A Razão* (Ceará) and *A Federação* (Rio Grande do Sul). The historiographical operation that enabled the identification of material and content elements registered by editors on the pages of daily newspapers was based, above all, on the establishment of sources or on the redistribution of space, according to Certeau (2002). We observe speeches that sometimes recommended books as educational and cultural objects with an edifying approach; and sometimes they prescribed the books in view of their fictional and entertainment characteristics.

**Keywords:** Quaresma Children's Library. Nanquinote Library. Collections.

## Resumen

Este estudio examina elementos relacionados con la composición de la Bibliotheca Infantil Quaresma (1894-1897) y la Biblioteca de Nanquinote (1936-1947), colecciones destinadas a los niños brasileños. El objetivo principal es comprender cómo este segmento del público movilizó inversiones de las editoriales Quaresma & C – Livreiros editores (Rio de Janeiro) y Editora do Globo (Rio Grande do Sul), con el fin de producir colecciones para la educación de este público lector en una perspectiva amplia. La investigación documental fue realizada en la Hemeroteca Digital Brasileira, privilegiando los periódicos *O Paiz* (Rio de Janeiro), *A Razão* (Ceará) y *A Federação* (Rio Grande do Sul). La operación historiográfica que permitió identificar los elementos materiales y de contenido registrados por los editores en las páginas de los diarios se basó, sobre todo, en el establecimiento de fuentes o en la redistribución del espacio, según Certeau (2002). Se observaron discursos que en ocasiones recomendaban los libros como objetos educativos y culturales con un enfoque edificante; a veces los prescribía en vista de sus características ficticias y de entretenimiento.

**Palabras clave:** Bibliotheca Infantil Quaresma. Biblioteca de Nanquinote. Colecciones.

Recebido: 27/07/2023

Aprovado: 16/11/2023

## Introdução

Neste estudo examinam-se elementos relativos à composição de duas coleções destinadas às crianças brasileiras: *Bibliotheca Infantil Quaresma* (1894-1897) e *Biblioteca de Nanquinote* (1936-1947). O objetivo principal consiste em se compreender como esse extrato de público mobilizou investimentos por parte das editoras Quaresma & C – Livreiros editores (Rio de Janeiro) e Editora do Globo (Rio Grande do Sul), de modo a produzirem coleções destinadas à educação de um público leitor específico em perspectiva ampla. No primeiro caso, a pesquisa documental foi realizada na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, privilegiando-se o periódico *O Paiz* (Rio de Janeiro). Trata-se de um periódico de ampla circulação à época (Barbosa, 2007), contendo página recorrente de anúncios, o que facultou exercício analítico profícuo. No segundo caso, examinaram-se, principalmente, os periódicos *A Razão* (Ceará) e *A Federação* (Rio Grande do Sul), dois periódicos que circularam no período do lançamento da Biblioteca de Nanquinote e cediam espaço para debates acerca da literatura infantil. O primeiro apresenta texto crítico de teor negativo sobre a Biblioteca de Nanquinote e o segundo, ao contrário, publica matéria elogiosa acerca dos livros da coleção.

A operação metodológica que envolve o jornal como fonte documental tem se ampliado consideravelmente nas pesquisas históricas. De que modo, entretanto, a pesquisa histórica por meio dos jornais pode contribuir para o trabalho do pesquisador no campo da História da Educação? Merece destaque o acesso a acervos históricos que tem sido facilitado por intermédio de plataformas digitais com adequados níveis de funcionamento. Se em períodos de difícil acesso aos acervos físicos, como no contexto da pandemia da COVID-19, que se estendeu por três anos no Brasil e no mundo<sup>1</sup>, os acervos digitais foram as únicas opções de acesso às fontes por parte do pesquisador, em períodos regulares, esse tipo de acesso proporciona algumas vantagens, tais como a facilidade de consulta sem que haja deslocamentos físicos, o acesso às fontes por um grupo reunido mais numeroso, o levantamento e a sistematização das fontes com mais frequência, o retorno às fontes para verificação de uma informação discrepante, sempre que a sistematização das séries (Certeau, 2002) no âmbito dos grupos de pesquisa assim o exigir.

No entanto, é forçoso sublinhar a não substituição do gesto que diz respeito ao contato físico com esse tipo de fonte. Afinal, como adverte Farge (2009), os arquivos físicos guardam diversos vestígios que carecem de decifração a partir de sua materialidade.

De tal modo, manusear os jornais nos arquivos físicos de guarda permitiria identificar o exato tamanho dos cadernos, o tipo de papel e a qualidade da impressão, o nível de conservação ou de deterioração da fonte, o que inclusive poderia caracterizar os vestígios de seu manuseio. Dobras, rasuras, anotações, desgastes; todos esses aspectos poderiam informar sobre gestos de leitura do passado ou mesmo sobre um provável tipo de leitor. Como se sabe, a categoria apropriação tem se revelado uma das mais complexas na operação historiográfica com os impressos por fatores que, em geral, referem-se a imprecisões, isso é, dificuldade de contornos precisos sobre os leitores reais. Concordando com Chartier (1996), nota-se que:

---

<sup>1</sup> Como apontou a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a pandemia da COVID-19 teve início em final de 2019 e se estendeu com extremo rigor até 2022; foi um fenômeno global com consequências dramáticas em muitas áreas. Um grande desafio consistiu em proteger a saúde e a dignidade humanas, bem como respeitar os valores universais. Isso envolveu combater o discurso discriminatório; identificar os grupos sociais mais vulneráveis, a fim de se definir boas práticas. Além disso, com o arrefecimento da pandemia, na América Latina e no Caribe, foi necessária grande mobilização dos órgãos governamentais e da sociedade civil, para que os alunos e profissionais da educação retornassem às aulas presenciais pouco a pouco e de modo seguro. [Disponível em: [pt.unesco.org/covid19/social human response](https://pt.unesco.org/covid19/social-human-response/)].

cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos *de que se apropria*. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras. (Chartier, 1996, p. 20, grifos nossos).

Não obstante a dificuldade mencionada, o jornal consiste em um tipo de fonte fecunda para a pesquisa histórica. Por um lado, permite acessar o ideário de um grupo que o dirige em um determinado período, as redes de sociabilidade entre os colaboradores, servindo, inclusive, como observatório de alinhamentos ou afastamentos dos editores e colaboradores da máquina estatal. Por outro, faculta notar elementos privilegiados da vida social e das práticas culturais ali veiculadas. Nesse sentido, é necessário se identificar com lentes microscópicas os cadernos, as colunas, os colaboradores, os anúncios publicitários, entre outros elementos de sua constituição. Nessa direção interpretativa, De Luca (2011) argumenta que o estatuto da imprensa como objeto da pesquisa histórica passou por deslocamentos consideráveis a partir de 1970, a par da história da imprensa e por meio da imprensa.

No campo da História da Educação, têm sido desenvolvidas pesquisas sobre coleções de livros. Entre elas convém destacar a pesquisa desenvolvida pela Professora Heloisa Helena Pimenta Rocha para a escrita de sua Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp, *Regras de Bem Viver para todos: a Bibliotheca Popular de Hygiene do Dr. Sebastião Barroso*, coleção sobre higiene idealizada pelo doutor Sebastião Barroso voltada para a formação do povo; e por Maria Rita Toledo, a pesquisa que originou o livro *Coleção Atualidades Pedagógicas: do Projeto Político ao Projeto Editorial (1931-1981)*, em que analisa a coleção destinada à formação de professores da Companhia Editora Nacional organizada nos anos de 1930 por Fernando de Azevedo, e sua continuidade até os anos de 1980, sob coordenação de Damasco Penna.

### **Bibliotheca Infantil Quaresma<sup>2</sup> (1894-1897)**

Com vistas a se identificar elementos relacionados à composição da Bibliotheca Infantil Quaresma (1894-1897), privilegiou-se o exame do periódico diário *O Paiz* (Rio de Janeiro), cujos exemplares puderam ser localizados na íntegra na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

*O Paiz*, publicado no Rio de Janeiro, foi fundado em 1º de outubro de 1884 por João José Reis Júnior – Conde São Salvador de Matosinhos. Sua linha editorial à época definia-se como a de um jornal “independente, político, literário e noticioso”. Neste sentido, *O Paiz* enfatizava sua autonomia em relação a grupos específicos, ideário que, na visão dos articulistas, permitiria sua “imparcialidade”. Definia-se, ainda, como jornal republicano, destacando-se, nos últimos anos da Monarquia, nas campanhas abolicionistas. No entanto, em nome dos bons costumes de uma capital federal que se desejava civilizada, era bastante conservador (Araújo, 1993, p. 307).

Segundo Leal (s/ ano, p. 1), com a proclamação da República, o jornal “atingiu sua fase de maior influência na vida política brasileira, tornando-se um dos periódicos mais

---

<sup>2</sup> Conforme Hallewell (2012, p. 305), Pedro da Silva Quaresma foi o fundador da Livraria do Povo em 1879, localizada à rua São José 65-67 (depois 71-73) e o nome Quaresma perdura até os anos de 1960, concentrando-se na publicação de livros populares, como manuais e modinhas, destacando-se também na produção de livros para crianças.

vendidos da capital federal”. Nesse período, o jornal foi vendido para Francisco de Paula Mayrink, empresário e político.

Em termos de difusão, em dezembro de 1884, o jornal registrava uma tiragem de 19.000 exemplares (Castilho, 2013). Entre os anos de 1900 e 1908, a tiragem manteve-se em torno de 15.000 exemplares, havendo relatos, segundo Barbosa (2010), de edições com tiragens entre 28.900 a 30.000 exemplares. Quanto aos aspectos editoriais, no período anteriormente indicado, *O Paiz* publicava edições entre 6 e 12 páginas, com ilustrações e fotografias, além de textos literários como folhetins e crônicas. Os exemplares eram produzidos em linotipo e a impressão feita em impressoras rotativas Marinoni ou Walter Scott. Apesar da segunda máquina ser considerada uma moderna impressora, o jornal não publicava edições a cores.

Tinha-se como hipótese inicial da pesquisa histórica a constituição de uma coleção de livros para crianças de modo processual. Afinal, em fins do século XIX, quando por ocasião do lançamento dos primeiros títulos da coleção Quaresma destinada à criança, a literatura infantil carecia de aperfeiçoamento, conforme assinala Lourenço Filho (1943, p. 150)<sup>3</sup> no excerto a seguir:

A evolução dessa literatura, nos mais adiantados países nestes últimos decênios, e o estudo da gênese de várias obras famosas, como certas composições de Dickens, Marck Twain e Kipling, para não citar já as de D’Amicis, Andersen, Condessa de Ségur e outras, evidencia-nos que, se de uma parte não basta escrever com a intenção de ser lido pelas crianças, de outra, forçoso é reconhecer que também se justifica uma “literatura” para elas intencionalmente planejada, para elas composta e para elas editada.

O planejamento e a edição dos livros infantis pelo livreiro e editor Pedro da Silva Quaresma entre os anos de 1894 e 1897 sugerem planejamento intencional. Notem-se a esse respeito os oito títulos variados que compuseram a coleção Bibliotheca Infantil Quaresma no quadro abaixo.

**Quadro 1** – Livros que compunham a Bibliotheca Infantil Quaresma

Livros que compunham a Bibliotheca Infantil Quaresma Quaresma & C – Livreiros-editores		
Livro	Ano	Autor/Organizador
<i>Contos da Carochinha</i>	1894	Alberto Figueiredo Pimentel
<i>Histórias da Avozinha</i>	1896	Alberto Figueiredo Pimentel
<i>Histórias da Baratinha</i>	1896	Alberto Figueiredo Pimentel
<i>Histórias do Arco da Velha</i>	1896	Annibal Mascarenhas/Viriato Padilha <sup>4</sup>
<i>Os Meus Brinquedos</i>	1896	Alberto Figueiredo Pimentel
<i>O Castigo de um Anjo</i>	1897	Alberto Figueiredo Pimentel
<i>Teatrinho Infantil</i>	1897	Alberto Figueiredo Pimentel
<i>Álbum das Crianças</i>	1897	Alberto Figueiredo Pimentel

**Fonte:** organizado pelas autoras (2023).

<sup>3</sup> Trata-se de relatório apresentado por Manoel Bergstrom Lourenço Filho ao Presidente da Academia Brasileira de Letras no qual discorre sobre o tema e sublinha sugestões de como aperfeiçoar a Literatura Infantil. (Lourenço Filho, 1943, p. 146-169).

<sup>4</sup> No ano de 1896, consta o nome de Annibal Mascarenhas. Annibal de Andrada Mascarenhas (1866-1924) foi contista, jornalista, autor de literatura infantil. Utiliza também o pseudônimo Viriato Padilha. (Blake, 1883). Em edições posteriores, registra-se o nome de Alberto Figueiredo Pimentel como organizador da obra.

Do ponto de vista metodológico, o tratamento das fontes relativas à constituição da Bibliotheca Infantil Quaresma em *O Paiz* (Rio de Janeiro) foi realizado em duas fases: uma considerada de identificação preliminar das fontes e de levantamento e a outra de sistematização.

### **A fase preliminar do levantamento geral das fontes e a fase de sistematização**

O anúncio localizado em 18/06/1894 (ed.04332, p. 2) trazia indícios de um primeiro título avulso – *Contos da Carochinha* – e diversos vestígios do direcionamento à criança como extrato de público específico.

Os Contos da Carochinha, que ora apresentamos ao publico, são estas historias que todos nós ouvimos em pequeninos e que sabem todas as crianças de todos os paizes; e é uma escolhida coleção de quarenta magníficos contos populares, que todas as mãis de família devem dar a seus filhos para lerem, afim de guial-os no caminho do bem e da virtude, alegrando-os e divertindo-os ao mesmo tempo. (*O Paiz*, 1894, p. 2).

No entanto, ainda não se podia considerar a constituição de uma biblioteca endereçada à criança. Uma biblioteca ou coleção é formada por títulos variados e por elementos materiais identificadores, visto que se define por um conjunto de títulos, contendo marcadores materiais que individualizam a coleção, tais como o tamanho do livro, o logotipo da coleção, a identidade da capa, o tipo de letras. Todos esses elementos são pensados como aparelho crítico, capazes de definir a composição de um conjunto de obras, fornecendo unidade à biblioteca, nos termos apontados por Olivero (1999)<sup>5</sup>. Ademais são essas marcas, por assim dizer, que guardam o potencial de fidelizar o leitor de uma determinada coleção:

É com Gervais Charpentier que a coleção “Biblioteca” se constitui como verdadeiro gênero editorial. Como tal, ele tem suas próprias regras. Uma regra de ordem material, antes de tudo. O trabalho de produção é determinado antecipadamente e é sempre idêntico – papel, caracteres, layout etc. Disso advém essa uniformidade do objeto que desemboca no que será chamado mais tarde de “standard” [padrão], termo que traduz a ideia de uma produção em série. A escolha da cor e da capa visa, em seguida, a produzir uma “imagem de marca” que deixa cada título publicado imediatamente identificável pelo público e que permite fidelizar o consumidor. (Olivero, 1999, p. 35).

A operação metodológica demandou trabalho documental cuidadoso: a localização frequente do título de um livro na página de anúncios registrados em *O Paiz* junto a outros produtos; a identificação de uma nota crítica sem destaque explícito para o circuito editorial. Para essa etapa, foram elaboradas fichas simples contendo, título, edição, página, resumo. Essas notações são importantes porque permitem ao pesquisador a localização imediata da fonte em meio ao volume de informações veiculadas no periódico estudado.

Ainda na etapa preliminar, foi necessário percorrer o jornal mês a mês, uma vez que havia dois tipos de entradas a serem consideradas: anúncios e notas críticas. O recurso à inserção de palavras-chave no site da Hemeroteca Digital Brasileira nem sempre funciona a contento, exigindo que, por vezes, recorra-se a cada edição de modo individualizado. Nessa

---

<sup>5</sup>Gervais Charpentier (Paris-1805; Paris-1871) é uma figura conhecida da história da edição francesa, notadamente por ter inventado um novo formato e um novo gênero editorial: a “biblioteca” (Olivero, 1999).

direção metodológica, pode-se, inclusive, considerar a necessidade de utilização de um método híbrido: lançamento de palavras-chave e verificação caderno a caderno.

Do ano de 1894 ao ano de 1897, a operação metodológica adotada permitiu, contudo, identificar o lançamento de outros títulos endereçados ao público infantil sob a chancela da Quaresma & C Livreiros- editores.: uns anunciados e, dias depois, lançados; o lançamento de um título na data da edição do jornal consultado e notas críticas sobre a recepção do livro lançado, como se lê em:

É na verdade inacreditável o sucesso que tem feito a serie de livros para crianças que editam os Srs. Quaresma &C.

Ainda ante-hontem exposta á venda a nova obra *Historias da Baratinha*, foram vendidos até 2 horas da tarde mil exemplares, os únicos que ficaram prontos, isto é, encadernados.

Quer dizer que mais de trezentas crianças, que se dirigiram á Livraria do Povo, não puderam satisfazer a sua justa curiosidade, adquirindo um exemplar

Hoje, porém, na nova remessa, os jovens leitores poderão obter *Historias da Baratinha*. (O Paiz, 1896, ed. 04468, p. 1).

Os títulos levantados na etapa preliminar foram: em 11/06/1895 (ed. 03905, p. 8), *Histórias do Arco da Velha*; em 11/09/1896 (ed. 04362, p. 2), *Historias da Avozinha*; 10/10/1896 (ed. 04411, p. 2), *Os Meus Brinquedos*; 26/12/1896 (ed. 04468, p. 1), *Historias da Baratinha*; 08/01/1897 (ed. 04480, p. 2), *O castigo de um anjo*.

No entanto, em 15/06/1897 (ed. 04638, p. 7), a Quaresma & C. Livreiros-editores faz circular um anúncio extenso, que contém os títulos da coleção já identificados desde o ano de 1894, acrescidos de outros títulos apresentados como novidades. Conforme a concepção veiculada pela editora, tratar-se-ia, então, de uma completa biblioteca infantil, cujos títulos e materialidade dão a ver uma única identidade e o endereçamento define-se por: *Livros para Criança*. No anúncio, os editores chamavam “a atenção das crianças, mães, pais, professoras e do público em geral para a sua preciosíssima Bibliotheca Infantil”.

Destaca-se ainda que a Bibliotheca passará a ser dirigida pelo “popular escritor Figueiredo Pimentel”<sup>6</sup>. No mesmo tom retórico, registra-se que nunca houve, no Brasil, alguém mais preocupado “com amor e dedicação com o estudo e o divertimento das crianças”. Ressaltam-se, por outro lado, a aceitação e os elogios da imprensa à Bibliotheca, a qual a essa altura estava completa e era formada pelos seguintes títulos: *Teatrinho Infantil*, *Álbum das Crianças*, *O Castigo de um Anjo*, *Os meus Brinquedos*, *Histórias do Arco da Velha*, *Histórias da Baratinha*, *Histórias da Avozinha* e *Contos da Carochinha*.

No final do anúncio, há dois destaques: o primeiro versa sobre o conteúdo e a qualidade dos gêneros que compõem a Bibliotheca:

#### A Bibliotheca Infantil

Como se depreende do que ficou escrito, é pois, uma soberba serie de livros para crianças, sobre todos os gêneros – obras admiráveis pelo ensinamento que fazem, incutindo nas almas jovens o amor da Patria, o culto da familia, a compaixão pelos desgraçados, o afeto pelos animais – todos os sentimentos, em summa, de um coração bem formado. (O Paiz, 1897, ed. 04638, p. 7).

<sup>6</sup> Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) escritor fluminense com atuação destacada na literatura e na imprensa nos primeiros anos do período republicano. Fluente em diversos gêneros: poesia, conto, novela, teatro, romance e na literatura infanto-juvenil (Pimentel, 2015).

O segundo destaque diz respeito a imitações que, segundo os editores, mereciam cuidados por parte dos leitores, visto estarem sendo realizadas imitações e falsificações, apesar de todos os elementos de identificação da coleção por parte da Quaresma & C. Livreiros-editores, como se lê no excerto abaixo:

#### Atenção

Chamamos a atenção para as nossas edições, pois, em vista do extraordinário sucesso desses livros para crianças tem-se feito imitações e falsificações sem conta. Todos eles são encadernados e têm uma capa ilustrada, a mesma sempre, e contêm milhares de gravuras e vinhetas, além do mesmo formato, sempre com mais de 300 páginas. (O Paiz, 1897, ed. 04638, p. 7).

Tendo-se identificado as ocorrências de 1894 a 1897, a hipótese inicial de uma coleção voltada à criança constituída de modo processual se confirmava. Mas, para que a demonstração fosse realizada com rigor teórico-metodológico, não se podia prescindir das séries organizadas por conteúdos, cruzamento de fontes tais como os anúncios, as notas críticas e as remissões.

Nessa etapa, foram elaboradas fichas mais precisas, contendo, título, edição, página, resumo do conteúdo em perspectiva analítica, definição do tipo de texto (anúncio ou nota crítica) e observações. Logo, considera-se a etapa mais complexa da operação metodológica, uma vez que exige leitura crítica, a utilização de dicionários especializados, atenção na descrição acurada da fonte, que pode conter grafia do período, assinatura de colaboradores que utilizam pseudônimos, entre outras minúcias afeitas ao procedimento de análise historiográfica a partir do exame de jornais.

Coube avaliar, a esse respeito, a data precisa do início do trabalho com as ilustrações realizadas individualmente por Julião Machado<sup>7</sup> para a Bibliotheca Infantil, o que só ocorreu a partir de 1900, ano da 11ª edição de *Historias da Avozinha*. Em período anterior, houve a contribuição de outros ilustradores ou a encomenda de gravuras e vinhetas provenientes da Alemanha, dos Estados Unidos, como indica a pesquisa desenvolvida por Santos (2019).

Em acréscimo, observou-se a emergência de um campo de disputa acirrado entre autores e autoras que visavam à escrita de livros infantis no período. Na coluna *A Moda*, assinada por Ecila Worms, pseudônimo de Julia Lopes de Almeida<sup>8</sup>, em meio a comentários gerais, destaca-se o tema sobre a qualidade do livro infantil. Ali, a colaboradora de *O Paiz* e também escritora de livro infantil afirma:

---

<sup>7</sup> Julião Machado (J. Félix. M, São Paulo de Luanda, Angola, 1863 – Lisboa, Portugal, 1930), desenhista e caricaturista ativo no Rio de Janeiro entre 1894 e 1920. Conferir em Ayala (1973).

<sup>8</sup> Julia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (Rio de Janeiro, 1862-1934), em 1911, já havia publicado *Traços e Iluminuras* (1887) (contos); *A Família Medeiros* (1892) (romance de costumes); *Memorias de Martha* (1899) (narrativas e contos); *A Viúva Simões* (1897) (romance); *Livro das Noivas* (1896) (*noções práticas da vida doméstica*); *Ansia Eterna* (1903) (contos); *Livro das Donas e Donzelas* (1906) (*crônicas*); *A Falência* (1902) (romance). De colaboração: *Contos Infantis* (1886) contos em prosa e versos adotados para uso das escolas primárias do Distrito Federal, e dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Pará, com sua irmã Adelina Lopes Vieira.

Tenho um rapazinho que frequentemente me pede livros; cai na asneira de lhe comprar *Os Contos da Carochinha*, porque dessas histórias guardei algumas de cor. [...] Antes de lhe entregar o livro, folheei-o e... Jesus! Que horror! Que frases barbaras, que linguagem mastigada; erros, erros e mais erros eriçavam todo o livro, tirando-lhe a graça natural da fantasia, tornando um livro de deleite em um livro de perversão. Fechei zangada o meu exemplar. Dál-o a uma criança seria um crime. (O Paiz, 1899, ed. 05220, p.1-2).

A coluna de autoria de Julia Lopes de Almeida foi veiculada em *O Paiz* em 20 de janeiro. Nove dias passados, o periódico cedeu espaço à réplica por parte de Alberto Figueiredo Pimentel, cujo tom ofendido demonstra, sobretudo, que sua reputação como autor de livro infantil estava em risco. O autor inicia com a transcrição da crítica tecida pela autora e, em seguida, parte para a sua própria defesa. Notem-se, no excerto abaixo, alguns elementos relativos à sugerida disputa:

Contos da Carochinha

Defesa contra uma agressão

Leram bem? Prestaram bastante atenção?

Agora, a defesa.

Os *Contos da Carochinha* foram publicados pela primeira vez em julho de 1894 num folheto de 200 páginas, contendo apenas 40 histórias para crianças. O sucesso obtido foi tão grande, tão rápido, tão inesperado – a edição esgotou-se em 20 dias – que os Srs. Quaresma e C. encomendaram-me mais 20 contos, para fazer o total de 60, e publicaram logo nova edição (...) em um volume cartonado de 323 paginas. Atualmente os *Contos da Carochinha* estão na 12ª edição, formando um grosso volume de 400 páginas.

(...) S. Ex. pretendia talvez monopolizar a literatura infantil. Escreveu os *Contos Infantis*, naturalmente o primeiro da serie (...). Olhe, minha senhora, quem julga um livro é o público. *Os Contos da Carochinha* estão mais que julgados: as crianças adoram-no. (O Paiz, 1899, ed. 05226, p. 3).

A defesa é assinada por Alberto Figueiredo Pimentel logo na página 3 do periódico. Ali, o autor adverte o leitor sobre o sucesso do primeiro título publicado, que, além de ter sido ampliado a pedido dos editores de 40 contos para 60 contos, a edição inicial logo se esgotara. Em acréscimo, observa que *Os Contos da Carochinha* já se encontravam na 12ª edição em 1899, o que sugere mais de 2 edições por ano. Na segunda parte da defesa, Alberto Figueiredo Pimentel adota curioso tom de denúncia, ao apontar a intenção de Julia Lopes de Almeida de monopolizar a literatura infantil. Não obstante o desejo, ela teria publicado um único título endereçado às crianças. Por último, sublinha que as crianças estariam aptas a julgar a qualidade da obra e já o fizeram: “adorando-a”.

O exame da documentação nesta fase específica permitiu algumas inferências relevantes: a emergência de um campo de disputa entre autores e autoras que visavam à escrita de livros infantis, como Julia Lopes de Almeida e Alberto Figueiredo Pimentel ilustram; o endereçamento dos livros aos pais e professores, cuja mediação estava prevista nas obras; a representação da leitura derivada da análise dos anúncios como boas e edificantes; o conceito de infância de natureza universal, não se contemplando marcadores de raça, gênero ou condição social.

## Biblioteca de Nanquinote (1936-1947): levantamento e sistematização das críticas

A ideia da Biblioteca de Nanquinote, composta por, pelo menos, 20 histórias escritas por Erico Veríssimo e outros autores da época, surge em uma reunião entre o próprio Veríssimo e o dono da Livraria e Editora do Globo Henrique Bertaso, conforme afirma o autor no livro biográfico *Um certo Henrique Bertaso* (Veríssimo, 2011).

Uma tarde discutimos o projeto duma coleção dedicada às crianças, em volumes de formato grande, com ilustrações em muitas cores. Escrevi para essa série (Coleção Nanquinote) seis estórias que apareceram entre 1936 e 1937. Dei ao herói da primeira (*Aventuras do avião vermelho*) o nome de Fernando. Nesse tempo eu mantinha, na Rádio Farroupilha, sob o pseudônimo de “Amigo Velho”, um programa em que contava estórias para crianças. (Veríssimo, 2011, p. 44).

O início da carreira de escritor de Erico Veríssimo, quando se dedicava à escrita de seus primeiros romances e contos, se mesclava à produção para a infância, concentrada na década de 1930. O escritor-editor lançava-se na escrita e na organização da Biblioteca de Nanquinote, que contou com a contribuição de outros escritores, entre eles Mário Quintana<sup>9</sup>. Veríssimo “se projetou nos mais diversos domínios da criação literária: das aventuras infantis ao universo épico de *O Continente* da caricatura social à ficção psicológica, da crônica de viagens ao romance alegórico *Incidente em Antares*” (Chaves, 1972). Os títulos escritos por Erico Veríssimo que compuseram a coleção Biblioteca de Nanquinote foram:

### Quadro 2 - Livros de Erico Verissimo na Coleção *Biblioteca de Nanquinote*.

Livros de Erico Veríssimo na <i>Biblioteca de Nanquinote</i> – Editora do Globo			
Livro	Ano	Ilustrador	Tiragem <sup>10</sup>
<i>Aventuras do avião vermelho</i>	1936	João Fahrion	5000
<i>Os 3 porquinhos pobres</i>	1936	Edgar Koetz	5000
<i>Rosa Maria no castelo encantado</i>	1936	Nelson Boeira Faedrich	5500
<i>Meu ABC</i>	1936	Ernest Zeuner	5500
<i>O urso com música na barriga</i>	1938	João Fahrion	11500
<i>A vida do elefante Basílio</i>	1939	Nelson Boeira Faedrich	10000
<i>Outra vez os 3 porquinhos</i>	1939	Edgar Koetz	10000

Fonte: Organizado pelas autoras.

<sup>9</sup> Mário de Miranda Quintana (1906-1994) trabalhou na Livraria do Globo por 3 meses em 1924. Em 1936, retornou à Livraria, onde trabalhou sob a direção de Erico Veríssimo. Poeta brasileiro, foi o autor de *O batalhão das letras*, 16º livro da coleção Biblioteca de Nanquinote, publicado em 1948, e até hoje reeditado como livro de poesias.

<sup>10</sup> As tiragens relativas à primeira edição dos livros escritos por Erico Veríssimo aqui indicadas foram assinaladas primeiro no livro *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*, escrito pelo professor, historiador e crítico literário Flávio Loureiro Chaves (1972). Não foi possível localizar tais informações sobre os demais títulos da Biblioteca de Nanquinote.

A coleção Biblioteca de Nanquinote configurou-se como um dispositivo de saber e lazer, tornando-se um fomentador de práticas e circulação da leitura e seus editores/organizadores eram considerados os atestadores da legitimidade da coleção e dos critérios de escolha dos títulos e dos autores que escreveram para ela.

As características materiais que garantiam a inserção dos livros na coleção iam desde as dimensões dos livros – 27,5 x 18,8 cm – até a folha de rosto, com cubos coloridos formando o título da coleção e representação dos personagens das diferentes histórias. A folha de rosto padronizada cria uma marca para a coleção, conformando-a com características específicas, além de ser uma opção econômica, visto que, assim, o processo de edição se desenvolve mais rapidamente, pois o projeto gráfico identificador já está planejado, mesmo considerando que a série aqui analisada diz respeito a uma coleção de livros para crianças, que envolve ilustrações e capas específicas.

Nos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, foram localizados textos críticos sobre a Biblioteca de Nanquinote, uns elogiosos e outros negativos, nos periódicos *A Razão* (Ceará) e *A Federação* (Rio Grande do Sul). Recorreu-se à busca pela palavra-chave “Biblioteca de Nanquinote”, que retornou resultados satisfatórios, mas também aos títulos dos dois primeiros livros da coleção - *Aventuras do Avião Vermelho* e *Os três porquinhos pobres*, com alguns resultados promissores.

### **A crítica sobre o lançamento da coleção**

Para fins desta análise, é importante contextualizar, de início, os dois periódicos que oferecem elementos para se compreender o lançamento da Biblioteca de Nanquinote. *A Razão*, jornal cearense, que circulou de 1929 a 1938, tinha como subtítulo: Independente, Político e Noticioso. Circulou, primeiro, sob direção de Monte Arraes. No expediente informava-se que sua circulação era diária e contava com 8 páginas ao longo da semana e 12 aos domingos. O preço variava de \$200 o número do dia e 50\$000 a assinatura anual. Também era possível adquirir um número atrasado pelo valor de \$400. Deixou de circular em maio de 1938, quando o último número – 592 – apresentou o texto intitulado “Aos Leitores e Assinantes da A RAZÃO”, em que os motivos para a dissolução da casa editora e, conseqüente, extinção do periódico eram expostos<sup>11</sup>.

O periódico *A Federação* foi fundado em 1º de janeiro de 1884, na então Província de São Pedro (Rio Grande do Sul). De cunho político-partidário, tinha como missão divulgar os ideários republicanos. Dirigido, primeiro, por Venâncio Ayres (até 1884) e, em seguida, por Júlio de Castilhos. Circulou até novembro 1937, quando se instalou o Estado Novo (1937-1945), sob o comando do presidente Getúlio Dornelles Vargas, que decretou o encerramento das publicações do jornal<sup>12</sup>. No mesmo ano, após outorga da Constituição de novembro de 1937, foram extintos os partidos políticos no Brasil<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Tais informações foram coletadas após pesquisa e análise das primeira e última edições do periódico, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

<sup>12</sup> Observatório da Imprensa. [Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/federacao-um-jornal-que-fez-historia/>].

<sup>13</sup> Conforme o verbete intitulado Partidos Políticos (Extinção) no sítio do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em: <https://encr.pw/SeiAT>.

O texto assinado pelo Padre Helder Câmara<sup>14</sup> acerca da Biblioteca de Nanquinote, publicado pelo jornal *A Razão* em 26 de julho de 1936, se destaca na página em meio a manteigas, brincos, botões, cimento e ferro, quartos de pensão e lista de alunos aprovados nos primeiros lugares de concurso de instituição de ensino.

Helder Câmara inicia sua análise apresentando a coleção e o boneco identificador Nanquinote. Prossegue afirmando que, entre defeitos e qualidades do escritor e, também, editor da coleção de livros para crianças, Veríssimo “fez bem em vir para a companhia de Monteiro Lobato e Viriato Correia” (Câmara, 1936, p. 15), reconhecidos escritores que se dedicaram à produção de livros para crianças; o primeiro, distinguindo-se por meio da invenção do Sítio do Picapau Amarelo e o último, destacando-se na produção de impressos por intermédio de livros que contam a história do Brasil para crianças ou ficção infantil<sup>15</sup>. O religioso afirma, ainda, que as histórias de Veríssimo publicadas até aquela data - *Aventuras do Avião Vermelho* e *Os três porquinhos pobres* - muito se aproximavam dos clássicos de Andersen<sup>16</sup> e Grimm<sup>17</sup>, além da influência de Monteiro Lobato. Conforme a apreciação de Helder Câmara, Erico Veríssimo poderia, no futuro, “se acanhar” com os volumes lançados, mas um bom observador poderia acompanhar em suas produções “as sementes dos seus méritos de amanhã” (Câmara, 1936, p. 15).

A seu ver, Veríssimo cederia ao que chamou de “caprichos infantis”, uma vez que, em sua análise, suas histórias incluiriam “absurdos e fantasias impossíveis”, o que lembraria os desenhos animados, com suas sequências “pitorescas e ilógicas”. O religioso cita a história dos três porquinhos pobres que fogem de seu chiqueiro em busca de aventuras, advertindo que não só os animais falam como também as árvores falam, sorriem e telefonam. O sol e a lua atendem aos pedidos infantis e tomam sorvete ou bebem água. Alerta, na sequência, que a imaginação nem sempre é “inofensiva”.

Importa observar a preocupação do religioso quanto ao tipo de formação que seria oferecida às crianças leitoras dos livros da Livraria e Editora do Globo. Na década de 1930, época em que a literatura infantil era entendida como um tipo de manifestação que veicularia moralização e ensino, instruindo as crianças e divertindo-as; a imaginação era bem-vinda, mas

<sup>14</sup> Pe. Hélder Câmara (1909-1999) Ao participar do Congresso Católico de Educação, classificou como de conteúdo comunista um manifesto lançado pela Associação Brasileira de Educação (ABE), da qual faziam parte Anísio Teixeira e Manuel Bergstrom Lourenço Filho. Em 1936 Dom Hélder foi designado diretor-técnico do ensino de religião da arquidiocese, com a missão de implantar o ensino religioso nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, Dom Hélder dedicou-se à educação. Ainda em 1955 passou a integrar o Conselho Nacional de Educação, que se tornou mais tarde o Conselho Federal de Educação, órgão ligado ao Ministério de Educação e Cultura. Informações de Condini (2004) e do verbete da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre Helder Pessoa Câmara. [Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/helder-pessoa-camara>].

<sup>15</sup> De sua obra destinada às crianças, destacam-se *Contos da história do Brasil* (1921), *História do Brasil para Crianças* (1934), *As belas histórias da História do Brasil* (1948) e *Cazuza* (1938). Colaborou, ainda, com a revista Tico-Tico. Informações do verbete da FGV sobre Viriato Correia. [Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Viriato.pdf>].

<sup>16</sup> Hans Christian Andersen (1785-1875) Escreveu peças de teatro, canções patrióticas, contos, histórias e contos de fadas, pelos quais é mundialmente conhecido. Empréstou seu nome ao prêmio que é considerado o Nobel da literatura infantojuvenil, o *Hans Christian Andersen Award*. [Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0026153/>].

<sup>17</sup> Os irmãos Grimm – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) – foram acadêmicos, linguistas, poetas e escritores alemães que se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis. Também deram grandes contribuições à língua alemã, tendo os dois trabalhado na criação e divulgação, a partir de 1838, do *Dicionário Definitivo da Língua Alemã* (o “*Deutsches Wörterbuch*”), que não chegaram a completar. [Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/novidades/quem-foram-os-irmaos-grimm>].

com parcimônia. Em pareceres para a Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI) a professora Elvira Nizynska<sup>18</sup>, embora afirmasse a importância dos elementos estéticos na Literatura infantil, atribuía, em sua avaliação, peso maior aos elementos educativos, considerando que o livro infantil possuía uma missão civilizadora em relação aos pequenos leitores. Em pareceres sobre centros culturais infantis, a professora ressaltava o —divertimento útil proporcionado pela leitura de bons livros infantis<sup>19</sup>. A criança poderia, ao mesmo tempo, divertir e instruir-se de alguma maneira.

Ainda no tocante à apreciação do religioso, ao aproximar Veríssimo de Lobato, Helder Câmara afirma que os dois fazem uso de “termos grosseiros e triviais, como patife e sem vergonha”. No entanto, pondera, a linguagem empregada pelos dois escritores também pode ser atraente, encantadora.

Erico Veríssimo, a exemplo de Lobato, varias vezes, emprega termos grosseiros e triviais, como patife e (escrevo?) sem vergonha (sic). Mas como Lobato, possui linguagem atraente e, por vezes, maneiras encantadoras de dizer:

‘Eu disse que o burro tinha óculos? Não disse. Pois tinha’. (Câmara, jornal *A Razão*, 26 jul. 1936, p. 15).

Conforme a crítica tecida por Hélder Câmara, Lobato e Veríssimo se aproximavam no uso de uma linguagem mais coloquial no que diz respeito às histórias para crianças. Essa característica podia não ser admirada pelo religioso; contudo, uma linguagem mais simples e acessível aos pequenos leitores era elogiada nas propagandas acerca da coleção editada por Veríssimo e veiculada nos impressos da época.

Na página 3 do jornal *A Federação* (9 de jul. 1936), entre notícias de greve em dois países europeus, outra sobre o aniversário do comandante da Brigada Militar coronel Canabarro Cunha, sobre a Corte de Londres e uma reunião da Academia Rio Grandense de Letras e outras notícias de caráter político, registra-se, no canto inferior esquerdo da página, matéria crítica sobre o lançamento da Biblioteca de Nanquinote, a coleção dirigida às crianças pequenas.

Assinado, simplesmente, por X., o texto começa caracterizando as duas primeiras histórias – *Aventuras do avião vermelho* e *Os três porquinhos pobres* – como “simples e fluentes”. Com um entendimento diverso daquele emitido pelo padre Hélder Câmara no texto publicado no jornal *A Razão*, complementa explicando que são histórias “contadas numa linguagem despretensiosa e sem a pluralidade artificial dos que não sabem falar à alma ingênua das crianças”. Definem-se as histórias, pois, como livres de “pluralidade artificial” e “simples e fluentes”.

<sup>18</sup> Elvira Nizynska da Silva (1896-1964) Estudou na Escola Normal do Distrito Federal, entre 1911 e 1913. Além de lecionar, Nizynska também atuou como Subdiretora da Escola Rodrigues Alves, no Catete (hoje extinta) entre 1928 – 1932. No mesmo período, filiada à ABE participou de vários debates em torno do livro infantil. Ao longo dos anos, Elvira tornou-se estudiosa e especialista em Literatura Infantojuvenil. Em 1936, foi convidada a compor a Comissão de Literatura Infantil e nela desempenhou importante função técnica, procurando apresentar pesquisas e os estudos recentes, à época, sobre o assunto.

<sup>19</sup> Parecer de Elvira Nizynska sobre Literatura Infantil. GCg1936.04.29p.419 – 420. rolo 42. fot. 814 a 1016.

No texto se elogia o “imagineiro creador” das primeiras histórias da Biblioteca de Nanquinote, e afirma-se que, ao se “lançar [na] tão difícil e complicada literatura [para crianças], venceu com a mesma despreocupação e superioridade com que venceu nas demais”. Ainda segundo o autor anônimo, “muita gente de nome têm escrito intencionalmente para a infância” e prossegue indicando que “aconteceu que as crianças, quasi todas, não entenderam seus livros e não se interessaram por eles”. Veríssimo, ao contrário, pondera o crítico anônimo, “soube usar de todos os recursos convenientes, com suas frases curtas, suas ideias claras e suas palavras comuns”, tendo, desse modo, conseguido encontrar um meio de se comunicar com as crianças de forma a se interessarem pelo que narrava. Esse trecho do texto veiculado pelo periódico *A Federação* evidencia quais seriam as prerrogativas, na concepção do crítico, de uma história infantil de qualidade: frases curtas, ideias claras, palavras comuns.

Sublinha-se, por último, que a concorrência estaria surpresa e temerosa pela boa qualidade dos livros impressos e ainda com o valor de venda, “acessível a todas as crianças”. Veríssimo, dono de uma “imaginação fecunda e um talento brilhante” é, então, elogiado. Ao se encerrar o texto, declara-se que “a Biblioteca de Nanquinote triunfou. E o que é certo é que esses livros de Erico interessam tanto às crianças como aos grandes”.

### **Considerações finais**

A constituição da Bibliotheca Infantil Quaresma entre 1894 e 1897 assinala uma fase promissora para os livros literários endereçados às crianças leitoras brasileiras. Por um lado, observou-se um segmento expressivo do mercado editorial – a Quaresma & C. Livreiros-editores ou Livraria do Povo (Rio de Janeiro) - investindo em livros com identidade material e de conteúdo que prometiam oferecer alegria e divertimento ao leitor infantil. Em acréscimo, sublinhou-se acirrada disputa pela escrita de livros infantis entre escritores consagrados como Julia Lopes de Almeida e Alberto Figueiredo Pimentel ilustraram. Por outro, notou-se que os títulos e conteúdos veiculados nos livros da coleção deveriam sofrer os filtros ideológicos por parte de professores, das mães de famílias, convocadas a participarem da recepção das obras “que guiariam as crianças no caminho do bem e da virtude”; crianças designadas conforme abordagem universal, não se contemplando marcadores de raça, gênero ou condição social.

Nos anos de 1930, tem-se notícia de um outro tipo de coleção destinada às crianças, formada por, pelo menos, 20 títulos e organizada pela engenhosidade de Erico Veríssimo, destacado escritor e editor no sul do país. Trata-se da Biblioteca de Nanquinote, que, por sua vez, sintetiza uma aposta da Editora do Globo de Porto Alegre, intentando alcançar os pequenos leitores. Se, por um lado, a ideia de organização da coleção surge em uma conversa informal entre o escritor e o dono da casa editora; por outro, sua conformação é debatida em jornais da época que ora elogiavam os livros e a iniciativa de composição da biblioteca, ora criticavam os textos e o vocabulário utilizado pelos autores das obras.

Da análise dos textos publicados pelos dois periódicos examinados, *A Razão (Ceará)* e *A Federação (Rio Grande do Sul)*, nota-se que os livros escritos e editados por Erico Veríssimo não foram unanimidade entre os críticos. Contudo, nenhum dos autores dos textos examinados deixou de reconhecer o movimento realizado pelo escritor e pela Editora do Globo como de relevância para a afirmação da literatura infantil circulante no país à época.

Por último, convém assinalar que ambas as coleções analisadas - Bibliotheca Infantil Quaresma e Biblioteca de Nanquinote - possuíam identidades bem definidas, seguindo o padrão em série (Olivero, 1999). Conforme a crítica veiculada nas fontes examinadas, os livros infantis ora poderiam orientar as crianças leitoras na direção do bem e da virtude, ora constituíam matéria de entretenimento, desde que regulada pela visão hegemônica dos adultos.

## Referências

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AYALA, Walmir (coord.). *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Brasília, DF: INL: Ministério da Educação e Cultura, 1973. v. 3.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa Brasil - 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad Editora. 2007.

BARBOSA, Marinalva. *História cultural da Imprensa no Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. v. 7.

CASTILHO, Marcio de Souza. “O amigo incondicional de todos os governos”: a trajetória de João Lage em O Paiz nos primeiros anos da República. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 9, 2013, Ouro Preto. *Anais [...]*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. S.p.

CÂMARA, Hélder. Biblioteca de Nanquinote. *A Razão*, Ceará, p. 15, 26 jul. 1936.

CÂMARA, Hélder. Literatura Infantil. *A Federação*, Rio Grande do Sul, p. 3, 9 jul. 1936.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1972.

CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-153.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EdUSP, 2009.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2012.

LEAL, Carlos Eduardo. O País. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PAIS>. Acesso em: 22 nov. 2023.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.

OLIVERO, Isabelle. *L'Invention da la collection*. Paris: Institut Mémoires de l'édition contemporaine: Maison des sciences del'Homme, 1999.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 2, 18 jun. 1894.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p.8, 11 jun. 1895.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 2, 11 set. 1896.

O PAIZ, *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 2, 10 out. 1896.

O PAIZ, *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 26 dez. 1896.

O PAIZ, *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 2, 8 jan. 1897.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 7, 15 jun. 1897.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 1-2, 20 jan. 1899.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 3, 29 jan. 1899.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo. *Histórias da Baratinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1957.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo. *Histórias do Arco da Velha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1958.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo (org.). *Álbum das crianças*. Biblioteca Infantil. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1956.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo (org.). *Contos da Carochinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1955.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo (org.). *Histórias da Avozinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1959.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo (org.). *O Castigo de um Anjo* Rio de Janeiro: Livraria Editora Quaresma, 1897.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo (org.). *Os meus Brinquedos*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1956.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo (org.). *Teatrinho Infantil*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1958.

PIMENTEL, Figueiredo. *O aborto*. Estabelecimento de texto e organização de Leonardo Mendes & Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. *Regras de Bem Viver para Todos: a Biblioteca Popular de Higiene do Dr. Sebastião Barroso*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

SANTOS, Soyane Silva. *Historias da avozinha (1894-1901): elementos materiais e de conteúdo para a conformação do público leitor*. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VERÍSSIMO, Erico. *Aventuras do avião vermelho*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

VERÍSSIMO, Erico. *A vida do Elefante Basílio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1939.

VERÍSSIMO, Erico. *Meu ABC*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

VERÍSSIMO, Erico. *Os 3 porquinhos pobres*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

VERÍSSIMO, Erico. *O urso com música na barriga*. Porto Alegre: Editora Globo, 1938.

VERÍSSIMO, Erico. *Outra vez os três porquinhos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1939.

VERÍSSIMO, Erico. *Rosa Maria no castelo encantado*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a. v. 1.

VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b. v. 2.

VERÍSSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.